

Língua, transformação e identidade no discurso sobre homossexualidade

Alan Gonçalves¹
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Resumo

Dicionarizada como sinônimo de *happy*, “alegre” em inglês, por muito tempo a palavra *gay* tem sido a mais usada para se referir aos homossexuais. Parece problemático, do ponto de vista da semântica, que tal palavra tenha assumido uma conotação pejorativa nos Estados Unidos, uma vez que alegria e felicidade, idéias a que o termo *gay* originalmente remete, são sentimentos ordinariamente almejados e até mencionados como um dom divino na declaração de sua independência. Contudo, a inversão de significado também se faz na direção oposta: o discurso de militantes homossexuais, apoiado no poder do uso da língua, vem conseguindo ganhar espaço através dessa inversão, transformando termos pejorativos em adjetivos benéficos à preservação da identidade do grupo. Esse estudo visa a explorar o vocabulário antes utilizado para desabonar a imagem do homossexual, e que agora contribui positivamente para a representação identitária *gay*, em contextos variados.

Palavras-chave: *gay* – identidade - língua.

Abstract

Used as a synonym for happy, for a long time, the word *gay* has been the most used to address to homosexual people. It seems problematic, from a semantic point of view, that it has also gained a bad connotation in The United States of America, since joy and happiness, ideas to which the word *gay* is originally related to, are feelings commonly pursued and called a gift from God, in the Declaration of Independence of that country. However, the meaning inversion also takes place in the opposite direction: the discourse of militant homosexual groups has been changing the usage of words such as *gay*, in order to turn them into symbols that represent the homosexual community in a positive way. This essay aims at examining the vocabulary that was once used to depreciate the homosexual image, and now contributes to the identity representation of that community, in different contexts.

Key words: *gay* – identity - language.

Hoje em dia, se uma criança pergunta a seus pais, o que a palavra *queer* significa, há uma grande chance de essa criança receber uma resposta que lhe parecerá confusa. Isso se deve, sobretudo, a uma variação diacrônica do significado da palavra em questão. Segundo o *Concise Oxford Dictionary of English Etymology*, o primeiro registro do termo *queer* data de 1508, sinônimo de *oblique* em inglês, e cuja tradução em português poderia ser “oblíquo”, como o olhar da personagem Capitu em Dom Casmurro de Machado de Assis, que com essa palavra, retrata a personagem como “dissimulada”. Levando-se em conta a acepção negativa dessa palavra, é possível prever ainda uma resposta que seria ofensiva, discriminatória ou preconceituosa.

Desde a segunda década do século vinte, o adjetivo *queer* vem sendo usado indiscriminadamente para se referir aos homossexuais, mas o *Collins Cobuild Dictionary* classifica o uso da palavra *queer* como *offensive* ou ofensivo. Contudo,

¹ Alan Gonçalves é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da UFBA e desenvolveu o estudo sob a orientação da Profa. Maria da Conceição de Melo Torres do Instituto de Letras da UFBA.

programas de TV e comerciais direcionados ao público homossexual utilizam esse termo como um sinônimo de *gay*, que, segundo o *Dictionary of American Slang*², passou a ser usado como adjetivo entre homossexuais no século XX para significar *full of joy*, ou repleto de alegria. No século XVIII o termo foi associado à promiscuidade por estar relacionado com as atividades promovidas em *gay houses* ou bordéis (TORRES, 2000). Por isso, a menos que haja uma detalhada e paciente explicação acerca de como as palavras se modificam ao longo do tempo, qualquer criança que, inocentemente, se aventure a perguntar o que *queer* significa estará fadada a reproduzir uma idéia rasa ou mesmo preconceituosa do que o termo representa.

Atualmente, os termos *queer* e *gay* vêm perdendo o caráter pejorativo que lhes tem sido atribuído ao longo dos anos. Com o aumento da visibilidade da população homossexual declarada, tais vocábulos contribuem para a representação identitária dessa comunidade, e se fazem presentes nos mais diversos meios de comunicação. A especialista em comunicação e consultora do Bureau de Assuntos GLS, Zita Johnson, afirma, numa reportagem feita pelo *site* gaybrasil.com³, que, em um mundo globalizado, a comunidade *gay* tem voltados sobre si os olhares da indústria. Nos Estados Unidos, esse segmento do mercado tem sido disputado há anos.

O potencial de consumo trazido pelo forte poder aquisitivo, comprovado pela empresa de pesquisas Mulyran/Nash de Nova York, leva os setores industrial e de serviços a desenvolverem produtos específicos para esse grupo. Assim, contribuindo para o sucesso de tais produtos e serviços, a mídia se faz uma das mais fortes “aliadas” dos *gays*, no que tange a sua representação: é mais do que comum encontrar, em *sites* e agências de turismo, a classificação *gay friendly* para orientar o cliente sobre locais onde *gays* são bem vindos; programas de TV que tratam do cotidiano dos homossexuais contemporâneos, tais como *The L Word*, *Queer as Folk* e *Queer Eye for the Straight Guy*, divulgam a crítica sócio-cultural sob a perspectiva *gay* e são patrocinados por marcas mundialmente conhecidas como Apple e Puma; as paradas do orgulho *gay* são atrativos turísticos noticiados em todo o mundo (a última em Salvador reuniu 200 mil pessoas)⁴. Tudo isso, associado à curiosidade dos heterossexuais e ao sensacionalismo midiático, viabiliza um espaço, antes inexistente, para os *gays* na sociedade.

² O *Dictionary of American Slang* é um dicionário *online* da Universidade de Berkeley.

³ *Site* voltado para o público GLBT (*Gays*, *Lésbicas*, *Bissexuais* e *Transgêneros*). Publica variedades tais como eventos culturais, acontecimentos políticos, dentre outros. Direitos autorais registrados em 2004.

⁴ Segundo reportagem da Folha de São Paulo de 05/09/2006, sobre a quarta parada do orgulho *gay* de Salvador.

Os fatos acima citados comprovam as teorias de Foucault (1998), através deles, o autor analisa as proibições e permissões emitidas por determinado segmento da sociedade, no que tange o discurso da sexualidade humana. As evoluções de significados sofridas pelos vocábulos *queer* e *gay* desde seu primeiro registro se devem à permissão do grupo que Foucault chama de “burguesia”. Segundo ele, “até o final do século XVIII, três grandes códigos explícitos – além das regularidades devidas aos costumes e das pressões de opinião – regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Eles fixavam, cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito” (FOUCAULT, 1998, p. 5). Hoje, ainda, podemos sentir as reverberações dessa política: programas de TV brasileiros ainda tratam a homossexualidade como assunto tabu, e a sua discussão e/ou representação como uma transgressão, o que torna o texto de Michel Foucault bastante atual.

A necessidade de mudanças nos conceitos de aceitável, e a permissão que os homossexuais têm tido para serem representados nada mais são do que uma exigência da economia mundial, que precisa reconhecer o poder de consumo de uma comunidade antes tida como marginal, e cujo estilo de vida estava fora dos padrões de normalidade, até que papéis sociais começaram a ser dissociados dos corpos biológicos, o que contribuiu não somente com a busca de igualdade *gay*, mas com outros movimentos identitários tais como o feminista. Desse modo, se ganham direitos em troca da adesão ao consumo. A visibilidade é oferecida aos homossexuais pelo mesmo veículo que os convida a consumir.

O reconhecimento desses fatos permite à comunidade homossexual ter uma perspectiva diferente acerca do que lhes empodera ou desabona. Por exemplo, identificar no léxico uma ferramenta para se impor, perante a hegemonia social, representa um exercício de cidadania para os *gays* estadunidenses, uma vez que a própria Declaração de Independência dos Estados Unidos chama de “direito inalienável e dom divino a busca pela felicidade”⁵ (Tradução do autor).

Tal fenômeno, que se desenrola a partir de um posicionamento crítico da população, mais do que um fenômeno lingüístico, caracteriza uma evolução sociopolítica que se afirma através do uso da língua, reformulando significados e recriando convenções, muitas das quais, numa tentativa de estabelecer uma uniformidade cultural, acabaram por “hierarquizar, enclausurar, excluir, criminalizar,

⁵ Trecho extraído de GEISSLER, K. ; WALTZER, K. Declaration of Independence. In: *Making Connections*. USA: McGraw – Hill, 2000. p.25.

hegemonizar, ou marginalizar costumes ou populações que divergem do que é eleito como ideal” (SUWELL JR, 1999, p. 82) (Tradução do autor).

Embora a luta de *gays* e lésbicas contra essa hegemonia possa legitimar as classificações de minoria e maioria, a batalha lingüística, que converte o léxico, antes pejorativo, em algo benéfico, visa a uma equalização de direitos e não a uma uniformização estereotipada. A comunidade formada por *gays*, lésbicas, bissexuais e transgêneros quer que a diversidade seja compreendida, ou ao menos aceita, com suas diferenças e individualidades, as quais são inerentes a todo e qualquer cidadão. Como mostra a própria sigla, GLBT, tal comunidade é subdividida devido às características que os distinguem, porém, essa distinção, em nenhum momento, objetiva alguma forma de exclusão.

As complexidades na caracterização dos grupos homossexuais são mais um reflexo da complexidade humana. Assim, as palavras *queer* e *gay*, alardeadas pela imprensa em muitos contextos, agregam essa parte da população, almejando uma integração de pessoas que cada vez mais assumem ser diferentes e procuram mostrar que essas diferenças não os tornam inferiores.

Sejam nos Estados Unidos ou no Brasil, os esforços desses militantes vêm se mostrando cada vez mais poderosos. Assim como suas predecessoras, as feministas, eles tendem a encontrar o sucesso no momento em que o gênero tenha o seu caráter distintivo aplacado - quando os seres humanos finalmente perceberem que o sexo não deve ser relevante no exercício de papéis sociais, e reconhecerem que o preconceito não é produtivo.

Nesse contexto, os lexemas *queer* e *gay*, com toda a sua riqueza de significados, ao quais ilustram diversos momentos históricos, se tornam símbolos de uma transformação social, de mais um processo vivido pela humanidade, na tentativa de melhor compreender a diversidade inerente aos indivíduos que a compõem.

Referências

COLLINS. *Advanced Learner's English dictionary*. Glasgow: Harper Collins Publishers, 2006.

CRUZ, Décio Torres. Tecnologia, globalização e (r)evoluções lingüísticas e culturais. In: *Estudos Lingüísticos e Literários*, nº. 29/30, p. 41-56. 2002.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

GEISLER, K.; WALTZER, K. Declaration of Independence. In: *Making Connections*. USA: McGraw – Hill, 2000.

HOAD, T. F. *The Concise Oxford Dictionary of English Etymology*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

SWELL JR, William H. The concept(s) of Culture. In: VICTORIA E.; HUNT, L. (ed.). *Beyond the Cultural Turn*. USA: University of California Press, 1999. p. 102 – 121.